

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)
e outras arquiteturas

ORGANIZAÇÃO

Luciana Saboia
Ana Elisabete Medeiros
Paola Ferrari

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)

e outras arquiteturas

EDITORA



UnB

Coordenação de produção editorial

Revisão

Diagramação

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Mariana Donner

Mônica Luce Bohrer

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar

Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF

CEP: 70910-900

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser
armazenada ou reproduzida por qualquer meio
sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

P964

Projeto, ensino e espaço universitário [recursos
eletrônico] : o Instituto Central de Ciências
(ICC - UnB) e outras arquiteturas /
organizadoras, Luciana Saboia, Ana Elisabete
Medeiros, Paola Ferrari. – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2023.
293 p.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-092-3.

1. Universidade de Brasília. Instituto Central
de Ciências. 2. Arquitetura. 3. Campi
universitários. I. Saboia, Luciana (org.). II.
Medeiros, Ana Elisabete (org.). III. Ferrari,
Paola (org.).

CDU 727:378.4

Sumário

Apresentação | *Luciana Saboia Fonseca Cruz e Ana Elisabete de Almeida Medeiros* 7

PARTE 1 | Projeto e Ensino: a universidade de Brasília e outras arquiteturas no Brasil

1. Da gênese e magnitude da praça | *Matheus Gorovitz, Maria Cláudia Candeia de Souza* 18
2. Grelha modular na ilha artificial: O projeto da Cidade Universitária no Rio de Janeiro e o ensino de arquitetura | *Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu* 34
3. O Campus Joaquim Amazonas da UFPE: criação, consolidação, desafios atuais e perspectivas | *Fernando Diniz Moreira* 44
4. A Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o ensino e a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (1940/1960) | *Sérgio Moacir Marques* 62
5. Da megaestrutura à estrutura mínima: o sistema básico da Universidade Federal de Minas Gerais | *Carlos Alberto Batista Maciel* 84

ICC | Caderno de imagens 95

PARTE 2 | O Instituto Central de Ciências: projeto, construção e vivência

6. O instituto de Niemeyer | *Andrey Rosenthal Schlee* 152
7. Planos e projetos do Instituto Central de Ciências, 1963/2013 | *Cláudio Oliveira Arantes* 184
8. A complexidade da síntese | *Elcio Gomes da Silva, Juliano Caldas de Vasconcellos e José Manoel Morales Sánchez* 202
9. Projeto e questões ambientais: percorrendo o Instituto Central de Ciências | *Cláudia Naves D. Amorim, Caio Frederico e Silva e Guilherme D. Sales* 222
10. O ICC como espaço museológico | *Reinaldo Guedes Machado* 240
11. Berçário de inovação e integração de saberes | *Frederico Flósculo Pinheiro Barreto* 252

CONSIDERAÇÕES FINAIS | Projeto e memória: (re)configurações do ICC

12. O Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília: pedagogia e megaestrutura | *Paola Caliani Ferrari Martins* 266

Índice remissivo 279



A Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o ensino e a
Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (1940/1960)

SÉRGIO MOACIR MARQUES

INTRODUÇÃO

A Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul é parte de marcha histórica em que afirmação da profissão, estruturação do ensino de arquitetura e disseminação da Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul se confundem, conjuntamente com movimentos culturais, sociais e ideológicos que acompanharam a propagação do Movimento Moderno no Sul, como em outras partes do país. Demétrio Ribeiro, em “Arquitetura Moderna em Porto Alegre” abre seu texto sobre a arquitetura de 1945 a 1960, expondo que “o período de surgimento e desenvolvimento da Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul, a partir do fim da guerra e do Estado Novo, foi também o da afirmação da arquitetura como disciplina autônoma do saber e da arte”¹. A seguir aponta a fusão dos cursos de arquitetura do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, escola privada na época, fundada em 1945 por Tasso Correa, com o correspondente curso de engenheiros-arquitetos da Escola de Engenharia – após movimento estudantil liderado por estudantes do Instituto, formando a Faculdade de Arquitetura em 1952, da já federalizada universidade – como um dos eixos fundamentais de afirmação da Arquitetura Moderna Brasileira no estado. Conjuntamente com a fundação do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul, em 1948, os concursos públicos de projetos de arquitetura da década de 1950, a criação da carreira de arquiteto nos órgãos públicos e a consolidação da Divisão de Urbanismo da Secretaria Municipal de Obras da Prefeitura

Municipal de Porto Alegre, a FA/UFRGS se insere na história representativa da arquitetura como um todo e da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul, em particular.

Em que pesem idiossincrasias culturais e cronológicas, a produção arquitetônica no Rio Grande do Sul, principalmente no período 1950/1960, é significativa, com muitas obras que compõem o cenário do patrimônio brasileiro moderno, em edificações e, notadamente, em urbanismo. Ainda que a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul tenha se constituído em processos e atributos menos exuberantes formalmente, menos pretensiosos simbolicamente, de menor grandiloquência estrutural e mais modestos economicamente que seus parentes cariocas e paulistas, cuja comparação convém que se faça designando diferenças culturais, econômicas, tecnológicas e mesológicas². Desde este ponto de vista, o estudo da Arquitetura Moderna Brasileira abrangente, produzida em outras regiões do Brasil, além dos centros irradiadores e pioneiros, oferece igualmente, à investigação, relações de disseminação, propagação, paralelismo, simultaneidade, apropriação, transformação, aportação e outros processos do Movimento Moderno como fenômeno cultural que transcendem a visão reducionista de centro e periferia como um caminho linear de mão única, revelando diversas colorações, valores, experiências, potencialidades e fragilidades à análise, que, como a própria Arquitetura Moderna Brasileira em relação ao campo arquitetônico internacional, constituem corpo conceitual e arquitetônico mais rico e plural que o da mera análise unívoca.

A CRIAÇÃO DE UMA CERTA ESCOLA DE ARQUITETURA MODERNA

Em 1939, foi criado no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul - IBA-RS, o curso técnico de Arquitetura, com duração de três anos - cursado, entre outros, por Iberê Camargo -, que serviu de base para a proposta de estruturação do Curso Superior de Arquitetura, proposto em 1942 e efetivado com a primeira turma de ingressos em 1945. A equipe de professores era constituída por José Lutzemberger, Ernani Correa e Fernando Corona, do Curso de Artes, os arquitetos Demétrio Ribeiro, Jorge Machado Moreira (que não chegou a lecionar, fez apenas algumas palestras), os engenheiros Danilo Smith, Frederico Werner Hugo Grunding, Fernando de Azevedo e Moura, os urbanistas Luiz Arthur Ubatuba de Faria, Edvaldo Pereira Paiva e o advogado

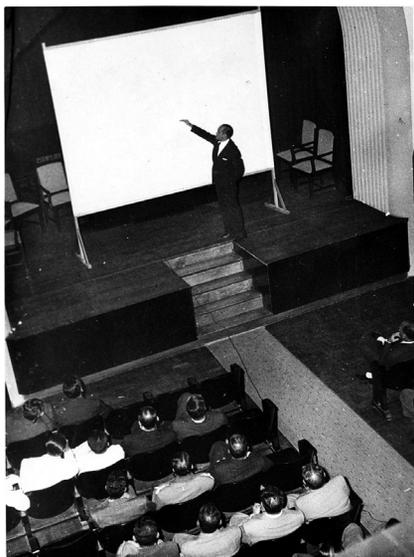


Figura 1 - Curso de Urbanismo de Cravotto e Aroztegui no IBA. No centro da foto, à esquerda, Enilda Ribeiro, no meio, Charles Renné Hugaud, à direita, Maurício Cravotto, 1948.

Figura 2 - Conferência de Oscar Niemeyer no auditório do IBA, 1949.

Max Valdemar Lubke. Em 1948, foi convidado Edgar Albuquerque Graeff, gaúcho formado na Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro, FNA-RJ, um ano antes³.

Neste mesmo ano, foi realizado o II Congresso Brasileiro de Arquitetos – CBA, em Porto Alegre. A realização do evento no Sul estava associada aos esforços de estruturação do ensino, da profissão e da própria arquitetura no estado, coincidente com a afirmação do Movimento Moderno, do qual também é ato contínuo a criação do Departamento do Rio Grande do Sul do Instituto de Arquitetos do Brasil⁴ e a própria Faculdade de Arquitetura. O evento serviu também para a criação da revista *Ante-Projeto*, logo a seguir rebatizada com o nome de *Espaço*, dirigida por Jorge Siritto, Glênio Bianchetti, Nelson de Souza, Carlos M. Fayet, Enilda Ribeiro e Luís Fernando Corona⁵. No mesmo ano, ainda se registra a presença marcante de Maurício Cravotto⁶, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidad de La República del Uruguay de Montevidéu, em Porto Alegre, para ministrar um curso no IBA, contratado conjuntamente com o Prof. Arquiteto Idelfonso Aroztegui⁷. A presença dos uruguaios neste momento inaugural do ensino de arquitetura em Porto Alegre é, de certa maneira, emblemática do marco cultural gaúcho nesta época e de suas conexões com a região do Prata, que teria significativa influência na formação das primeiras gerações de profissionais, em especial no campo do urbanismo. O Curso de Urbanismo do IBA, proposto em 1945, foi criado em 1947 (um dos primeiros cursos de urbanismo do Brasil⁸) por Paiva, Ubatuba e Demétrio Ribeiro, cuja orientação era fortemente conectada às relações com o Uruguai, ainda que o paraninfo da primeira turma de formandos tenha sido Oscar Niemeyer⁹.

A vinda de Oscar Niemeyer a Porto Alegre coincide também com o incremento de outro significativo capítulo da afirmação da arquitetura no Estado: o movimento para a criação de uma faculdade de arquitetura autônoma, ao qual Niemeyer emprestou seu apoio. O curso de Arquitetura do IBA, desde sua criação em 1945, detinha, além de natural proximidade com as artes, filiação institucional com a outrora Escola Nacional de Belas Artes – ENBA, posteriormente Faculdade Nacional do Rio de Janeiro – FNA, com adoção formal do currículo da mesma em 1946¹⁰. Essa natural relação referencial com o contexto cultural da capital federal, no meio acadêmico, contrastava com a produção arquitetônica gaúcha, dominada por engenheiros, projetistas e alguns poucos arquitetos formados no Brasil, com predominância de estrangeiros de formação acadêmica e produção historicista, contrastando com os episódicos

projetos cariocas modernos realizados para Porto Alegre, que despertavam o interesse da crítica e dos jovens estudantes gaúchos¹¹. O Curso de Arquitetura da Faculdade de Engenharia – FE, criado em 1945, no mesmo ano que o do IBA, como reação à criação deste, seguia uma orientação relativamente distinta, de um modo geral, mas não desinteressante, e muito menos antagônica aos fundamentos modernos do IBA e, por consequência, da FNA, cujo entendimento de certa maneira se disseminou¹². O curso de arquitetura da FE naturalmente se afinava com a Politécnica de São Paulo¹³ e, paradoxalmente, tendia a uma visão acadêmica conservadora da arquitetura, graças à forte conexão com o mercado, a produção local e uma sociedade em parte provinciana e conservadora, formada por significativa presença alemã positivista no meio cultural. Segmento marcado pela arquitetura eclética e consequente influência de outras vertentes da arquitetura moderna europeia, dentre elas o expressionismo. No entanto, com a criação do curso de arquitetura, em 1945, e a contratação do arquiteto austríaco Eugenio Steinhof¹⁴ para coordenar o curso, o ensino da FE aproximou-se do praticado na Bauhaus, mesmo sem resultados imediatos no produto de seus estudantes.

Portanto, com resistências e reações, de maior ou menor escala, a fusão entre os dois cursos era uma tendência, e após mobilização importante do meio acadêmico do IBA foi criada, em 1952, a Faculdade de Arquitetura¹⁵. Logo se estabeleceu outro movimento, entre professores e estudantes, pela obtenção de prédio próprio, já que o curso, funcionando no “castelinho” (onde hoje se encontra o Núcleo Orientado para a Inovação da Edificação – NORIE, no Campus Central), alimentava a ideia de dependência da engenharia. Criada a comissão, constituída por Demétrio Ribeiro, Carlos Maximiliano Fayet e outros, foi feito um primeiro estudo para o local onde hoje está o prédio da Faculdade de Engenharia nova. A ideia era um edifício moderno com pilotis intervalando o corpo da base, onde estaria localizado o Centro Acadêmico. Havendo resistência da Engenharia em ceder aquela área, novo estudo foi realizado para a esquina da Rua Sarmiento Leite com a Avenida Osvaldo Aranha, então, por dois professores do Instituto e outros oriundos do curso da Engenharia, estabelecendo certa paridade. Finalmente, o projeto realizado através da Divisão de Edificações do Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP¹⁶ do Rio de Janeiro, cuja autoria é desconhecida, encomendado ao reitor Eliseu Paglioli¹⁷, foi construído, com grande rejeição por parte de professores e estudantes da arquitetura. E com o compromisso de



Figura 3 - Da esquerda para a direita: Ateliê de Projeto do III ano, Curso de Arquitetura do IBA. Enilda Ribeiro, Luís Fernando Corona, Carlos M. Fayet. Fayet tem nas mãos maquete do projeto “Restaurante Rodoviário”, 1950.

Figura 4 - “Castelinho”, Observatório Astronômico e Chateau. O Castelinho foi construído originalmente para abrigar oficina do Instituto Técnico Profissional da Escola de Engenharia, com projeto de Manoel Itaquí, 1906.

Figura 5a - 1º projeto da FA/UFRGS, hoje está a Faculdade de Engenharia nova, na Avenida Osvaldo Aranha, realizado por comissão de professores do I.B.A., coordenada por Demétrio Ribeiro, 1952.

Figura 5b - 2º projeto FA/UFRGS, no local atual, realizado por comissão integrada de professores oriundos do I.B.A e da F.E, Demétrio Ribeiro, Plínio Almeida, Luiz Frederico Mentz, Emil Bered, Leovegildo Paiva e os alunos Carlos M. Fayet, Moacyr Moojen Marques, Luiz Carlos Cunha e Rubem Pilla, 1953.

Figura 6 - Projeto realizado pelo DASP do Rio de Janeiro (Figura 5), cuja autoria é desconhecida, por encomenda do reitor Eliseu Paglioli.



ser demolido na oportunidade de implantação da Primeira Perimetral, cujo traçado foi estabelecido no Plano Paiva¹⁸, desenvolvido entre 1954 e 1959, e atingia o Campus Central da universidade, mas que posteriormente mudou, ajustando o traçado viário de forma a preservar o conjunto¹⁹.

UM PRÉDIO PARA UMA ESCOLA DE ARQUITETURA MODERNA

A versão final do projeto construído para a Faculdade de Arquitetura (adaptado pela contingência urbanística e pelo programa de necessidades local), que conforma a esquina da Avenida Osvaldo Aranha e Rua Sarmento Leite, com entrada principal para esta, acabou por completar os vértices da área destinada ao Campus Central da UFRGS. Dividida em dois pela Sarmento Leite, que compõe, neste trecho, o binário da 1º Perimetral com a Avenida Paulo Gama, a gleba do campus destinada para a Faculdade de Arquitetura, de formato trapezoidal, já tinha, dentro de certa tradição acadêmica do traçado urbano da UFRGS²⁰, as esquinas configuradas pelo prédio da Administração da Reitoria e Auditório a leste, desenhados pelo professor da Faculdade de Arquitetura, arquiteto Fernando Petersen Lunardi, em 1954, com um modernismo ainda incipiente, e o prédio da medicina, a sul, na esquina da Rua Sarmento Leite com Avenida Engenheiro Luiz Englert, de filiação historicista, desenhado por Theo Wiederspahn, em 1913. Ainda na esquina da Osvaldo Aranha com a Avenida Paulo Gama, no mesmo quarteirão, o atual Museu da UFRGS, construído em 1910, originalmente para o Laboratório de Resistência dos Materiais, com projeto atribuído a Manuel Itaqi, se não faz igualmente a configuração da esquina, a menos angular de todas, perfaz marcação importante de uma das duas entradas principais do campus. Justamente aquelas que iniciam ao lado da Faculdade de Arquitetura, a oeste, margeando sua fachada sul, onde está o bar no térreo e terminam na face leste, voltada ao Parque da Redenção e bairro Bom Fim. Uma espécie de artéria peatonal do espaço universitário, de grande fruição²¹.

O projeto do DASP, projetado e construído entre 1954 e 1957, previa subsolo, pavimento térreo, com pé-direito duplo, mais oito pavimentos, perfazendo aproximadamente trinta e quatro metros de altura, dos quais foram construídos o térreo (há indícios que parte do subsolo foi executada, mas hoje sem acesso) e mais quatro pavimentos. De acordo com a descrição de TONIOLI, Chefe da Seção Técnica do Setor de Patrimônio

Histórico do Serviço do Patrimônio Histórico- SPH/SUINFRA/UFRGS, no projeto do DASP

o subsolo acomoda um museu e áreas técnicas; a base abriga auditórios, centro acadêmico e café na ala curta e grandes salas de aula prática e salas de apoio das disciplinas na ala longa; o segundo pavimento abriga biblioteca na curta e salão de exposições e atividades administrativas na longa, além de amplo terraço junto à esquina; já o pavimento tipo possui as salas de aula teórica na ala curta e os ateliês de apoio das disciplinas na ala longa. O sistema construtivo foi projetado com estrutura independente em concreto armado, formado por lajes de caixão perdido com borda inclinada na base e pilares de secção circular recuados das bordas, permitindo planta e fachadas livres²².

Na versão construída, a planta do edifício se amálgama na esquina em “L”, onde a base descola-se do volume superior por recesso parcial do segundo pavimento, expondo a estrutura, em parte semelhante ao primeiro estudo realizado, e avanço desta base em direção ao alinhamento da Rua Sarmiento Leite, criando terraço na cobertura. O primeiro andar, parcialmente ocupado por um salão, era local onde frequentemente se faziam exposições e festividades da faculdade, animando o terraço²³. A base, por sua vez, ao distanciar-se do corpo do edifício no pavimento térreo, configura suave curva, armando, conjuntamente com o pé-direito avantajado, a posição e escala da escada interna, ingresso qualificado do edifício, ao gosto dos edifícios públicos institucionais referenciais da arquitetura moderna. A relação com o espaço público é amistosa, com a definição da esquina, através de duas fachadas, oeste e norte e recuos de jardim, que além da volumetria resultante, configuram-se com sistema compositivo armado, ora através de malha de alvenaria revestida com sirex, ora panos com pastilhas, levemente salientes em relação ao plano das esquadrias, formando jogo de texturas recorrente na arquitetura moderna brasileira, principalmente no Rio de Janeiro a partir dos anos 1930. As esquadrias, por sua vez, apesar dos problemas de manutenção e mau uso, são de sistema de contrapesos com detalhamento e execução de certa sofisticação, incomuns atualmente. As fachadas oeste e norte, com a última recuperação realizada, encontram-se em boas condições, com alguma alteração nas esquadrias da biblioteca²⁴. Internamente o edifício tem no pavimento térreo sua principal qualidade espacial, com o conjunto de saguão, escada, biblioteca e auditório conformando



Figura 7 - UFRGS, Campus Centro, Quarteirão 2, conformado pelas Avenidas Osvaldo Aranha, Paulo Gama, Engenheiro Luiz Englert e Rua Sarmiento Leite. Vértices configurados pela Faculdade de Medicina (1913), Auditório da Reitoria (1954 - reformado posteriormente) e Faculdade de Arquitetura (1957).

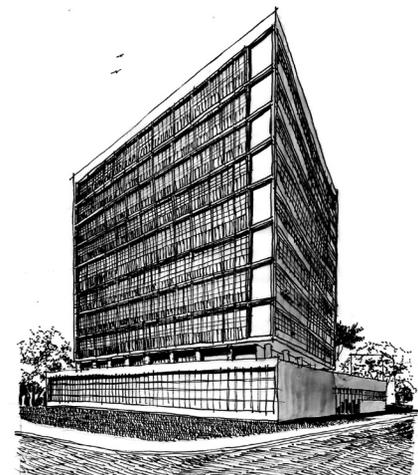
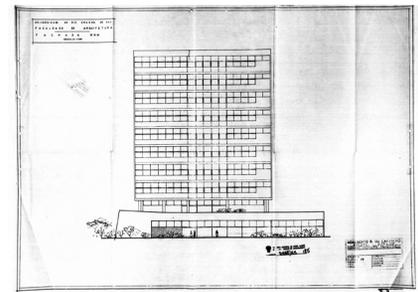




Figura 9 - Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Rua Sarmento Leite, DASP, 1954/1957.

espaço proporcional ao caráter institucional da edificação. Comas chama a atenção que

a galeria se arma com uma colunata que é digna mas não pomposa, e a generosidade justa da escadaria faz dela também anfiteatros e sala de estar. A modéstia formal domina e estimula uma vivência descontraída dos espaços do edifício que é altamente meritória [...] ²⁵.

Os revestimentos do térreo, apesar de gastos pelo tempo, ainda se apresentam com certa dignidade, como a granitina do piso, em desenho idêntico ao da reitoria, assim como as pastilhas das colunas e os pisos de parquê em alguns compartimentos. Nos demais andares o arranjo entre circulação e salas é simples, organizados através de fita dupla, onde o espaço ocupado pela escada e circulação horizontal é generoso e iluminado, ao gosto da arquitetura moderna. A configuração, no entanto, adotava a ideia de ateliês integrados, ocupando toda a ala norte do edifício e salas para aulas teóricas na perna menor do “ele”, o que não ocorreu, dada a diminuição de número de pavimentos e aperto consequente.

As fachadas sul e leste, internas ao campus, foram projetadas com menos sofisticação e desenho, sendo que a leste, visivelmente preparada para ampliação posterior, permaneceu inacabada por muitos anos, tendo recebido tratamento na forma de aberturas novas e revestimento, em intervenção posterior²⁶. A fachada sul, mesmo sem o mesmo jogo de texturas e transparências das fachadas norte e oeste, possui, comparada à leste, algum tratamento na volumetria entre base, edifício e fenestração, ainda que, apesar de restauração realizada há alguns anos, seu revestimento original em sirex tenha se deteriorado novamente com rapidez, denotando a pouca resistência do material nesta orientação, de baixa insolação e grande umidade no Sul do país.

Comas chama a atenção para a representatividade arquitetônica da FA/UFRGS enquanto edifício de ensino:

É o exemplo mais franco de aplicação dos postulados estéticos e construtivos modernos dentro do campus central da universidade, demonstrando a versatilidade das interpretações possíveis destes conceitos em edifício educacional²⁷.

Enquanto igualmente observa seu pioneirismo neste segmento e sua adequação de escala:

Figura 8a - Faculdade de Arquitetura, UFRGS. Fachada Principal, Oeste, Rua Sarmento Leite, DASP, 1954/1957.

Figura 8b - Faculdade de Arquitetura, UFRGS. Vista Av. Osvaldo Aranha esquina Rua Sarmento Leite, DASP, 1954/1957.

Inaugurada em 1958, é a primeira escola de arquitetura brasileira, anterior a escola da UFRJ, de Jorge Moreira, projetada em 1957 e inaugurada em 1962. Sua escala é quase intimista comparada a megalomania das escolas congêneres no Rio [a citada escola da UFRJ], em São Paulo [a FAU-USP, de Vilanova Artigas] e em Buenos Aires [a FADU-UBA de Catalano, Caminos e outros]. É despretensiosa e muitas vezes prosaica, mas não desprovida de algum encanto²⁸.

A Faculdade de Arquitetura, enquanto peça representativa da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul, inicialmente teve apenas na dimensão histórica sua principal representatividade. Sob o ponto de vista arquitetônico, no entanto, dentre os contemporâneos de sua construção, estudantes e professores, sofreu alguma rejeição, dada a frustração de perda da autoria do projeto – após mobilizações importantes para sua existência e após a realização de projetos oriundos de suas lideranças – para a construção de obra apócrifa ditada pela capital federal. A Faculdade posteriormente ainda iria amargar o período de descaso, confundida com obras visadas por detratores da arquitetura moderna, durante o período de crise a partir do final dos anos 1970²⁹. Sua valorização enquanto representatividade formal e contribuição artística se consolidou mais recentemente, a partir das discussões travadas sobre possível revitalização e ampliação do edifício, já no limiar do século XXI³⁰. Dentro de um novo quadro de entendimento do sentido histórico da arquitetura moderna, que se sobressaiu dos embates nos ringues do pós-modernismo e prevaleceu no olhar renovado sobre a Faculdade de Arquitetura da UFRGS, a arquitetura do edifício, superada sua própria história, parece ter adquirido o reconhecimento correspondente. PIÑON, em publicação congênera, lembra:

Ao longo destes anos de contato intenso e constante com arquitetos latino-americanos mais ou menos comprometidos com o ensino, constatei um interesse renovado pela própria arquitetura moderna e, como consequência pela própria modernidade arquitetônica em geral. Um interesse cujo horizonte é a recomposição de uma tradição que jamais deveria ter abandonado: [...] sem tradição, não há progresso³¹.

Emergente deste processo histórico, a Faculdade de Arquitetura, cantoneira horizontal com panos envidraçados emoldurados por malha e panos revestidos de pastilhas, sobreposta à base conformada ao espaço urbano, além de carga simbólica e histórica, apresenta qualidades arquitetônicas

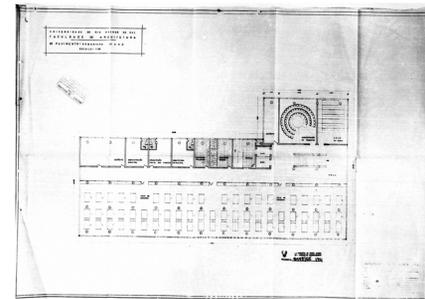
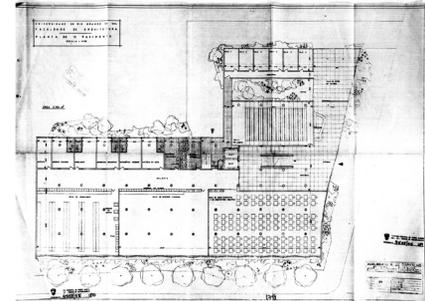


Figura 10 - Faculdade de Arquitetura, UFRGS. Planta, Pavimento Térreo, DASP, 1954/1957.

Figura 11 - Faculdade de Arquitetura, UFRGS. Planta, 8º Pavimento (tipo), DASP, 1954/1957.

apreciáveis e representativas da arquitetura moderna brasileira, de boa qualidade média, equivalente à produzida no Rio Grande do Sul a partir dos anos 1950, igualmente representativa enquanto edifício moderno para ensino, sem necessariamente constituir-se em obra monumental³².

UMA CERTA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA NO SUL

Neste período primordial, de criação da Faculdade de Arquitetura e IAB-RS, e logo a seguir, da criação da carreira de arquiteto e urbanista no poder público, principalmente na Divisão de Urbanismo da Secretaria de Obras de Porto Alegre, a profissão de arquiteto aflorou no Sul, e com ela certa maneira de fazer cidade e projetos. As gerações de arquitetos formadas nos anos 1940 e 1950 no Estado do Rio Grande do Sul – ou seja, a segunda e/ou terceira geração de arquitetos atuantes no estado, sucedendo os estrangeiros que para cá convergiram desde o final do século XIX, e os primeiros arquitetos formados no Brasil, a partir da ENBA-RJ – formaram-se pessoal e profissionalmente em contexto e época em que a demanda pelo fazer predominava. O país, em ambiente de pós-guerra, prospectava seu ingresso na industrialização e no progresso econômico, o nacionalismo dava ímpeto à sociedade no sentido da criação de nação nova e moderna. A economia oferecia condições de desenvolvimento e oportunizava, principalmente através do Estado, encargos importantes e férteis para as ideias de modernização. Igualmente, mercado e iniciativa privada propiciavam boas oportunidades de trabalho para um círculo ainda restrito de profissionais, ou seja, havia trabalho importante e também encargos recorrentes abundantes.

Neste sentido, a formação, o ambiente acadêmico e profissional estavam substancialmente focados no fazer, na preparação e condicionamento do arquiteto e urbanista em exercer sua disciplina, praticá-la em condições concretas, seja na iniciativa privada, seja no poder público, em todas as escalas, através de escritórios privados ou escritórios espalhados pelas secretarias e divisões das instituições (normalmente bem preparados, organizados, equipados e estruturados para o desempenho das ações projetuais arquitetônicas e urbanísticas). A coincidência do Movimento Moderno com este segmento histórico vai mais além da simples chegada de um movimento artístico, mas coincide, de fato, com a estruturação de contexto social fértil, cujas relações de causa e consequência ampararam o movimento cultural. Para os arquitetos

Figura 12 - Faculdade de Arquitetura, UFRGS. Fachada Norte e Fachada Principal, Deste, Avenida Osvaldo Aranha e Rua Sarmento Leite, DASP, 1954/1957.



desta geração, a arquitetura e urbanismo modernos eram a resposta que fazia sentido aos anseios, demandas e desejos da sociedade como um todo. Portanto, o ingresso na preparação e saber da disciplina, significativamente focado no exercício do ofício, significava aderir à maneira de pensar, sistema de projetar, parâmetros espaciais, técnicos e sentido formal da arquitetura moderna que, de alguma maneira, preenchia também o status quo desejado por políticos e empreendedores. Era, em última instância, a maneira lógica de fazer arquitetura, com maior ou menor eficiência, que esta geração realizou com boa qualidade. Assim, este bom desempenho coletivo refletia as condições favoráveis da época para o desenvolvimento da modernização como um todo, uma melhor condição cultural dos contratantes e poder público, sintonizados na mesma visão modernizadora. Era, portanto, um movimento cultural que, de certa forma, envolvia os setores sociais e econômicos representativos, dentro do qual a manifestação artística prosperava.

O Sul do Brasil e a região meridional da América Latina, pelas suas peculiaridades, acentuaram o sentido recorrente desta produção. Por razões idiossincráticas, no Rio Grande do Sul, sem a carga simbólica da representação institucional da capital federal no Rio de Janeiro e a pressurização econômica da capital industrial do país em São Paulo, as ações arquitetônicas e urbanísticas aproximaram-se mais do ordinário e do tecido. Uma das razões da sua maior disseminação, não só entre arquitetos, mas também entre construtores e opinião pública, parte da ideia de ordem formal associada à solução dos problemas de programa e construção, dentro de certo sentido comum, sem recair sobremaneira em funcionalismo³³. De um lado, os encargos, públicos e privados, de certa forma foram condicionados por escala mais doméstica, proporcionada a um número maior de escritórios de menor envergadura. Por outro lado, assim como no Uruguai e na Argentina, o comedimento formal decorrente tanto de condições climáticas quanto da conjuntura cultural significou certa reserva com as inquietações de identidade formal nacional, exercidas pela arquitetura nativista da capital, dadas suas especiais condições mesológicas e institucionais. Também, no caso do Rio Grande do Sul, a limitação econômica da província significava uma restrição importante de investidores e extrato social capazes de financiar projetos de maiores pretensões formais, como no caso de São Paulo. Assim, a arquitetura moderna brasileira no Sul, com mais parcimônia, se manteve constricta a certa austeridade, cuja homogeneidade, principalmente em



Figura 13 - Edifício FAM. Arquitetura representativa de certa maneira de fazer Arquitetura Moderna, Brasileira no Sul. Carlos Maximiliano Fayet, Cláudio L. G. Araújo e Moacyr Moojen Marques, 1966/1968.

termos de escala e constituição de tecidos urbanos, ainda que sutil, se faz notar distinta do centro do país e aparentada com os vizinhos platinos.

A dialética dessas relações está no fato de que, tanto pelo olhar direto no contexto cultural europeu e norte-americano, quanto pelo descompromisso com exigências formais nativas ou monumentalidade, a arquitetura meridional brasileira se manteve mais contida aos aspectos universais da arquitetura moderna, com maior tributo à abstração conjugada à parcimônia construtiva, simultâneo a uma maior disseminação da arquitetura moderna na cidade dentre segmentos sociais mais amplos e nichos de mercado diversos, além dos usuais meios de representação do poder e da economia – o que garantiu presença pela propagação e perenidade da abstenção formal, que, de certa maneira, significam maior qualidade média ao largo do tempo.

Igualmente, a incorporação de critérios do Movimento Moderno na prática corrente do urbanismo e sua aplicação na gestão urbana acabaram por condicionar a evolução de princípios estruturadores da cidade e constituição de tecidos urbanos, que apresentam, a um olhar atento, sentido de organicidade ao funcionamento como um todo, assim como maior homogeneidade nas partes e arranjos urbanos notáveis em comparação com outras capitais do país, o que também significa maior qualidade média. Antecedendo a arquitetura, a herança cultural urbanística no sul – iniciada sob forte influência do Positivismo no estado, o pragmatismo e confiança na ciência, presentes no plano Moreira Maciel em 1914, posteriormente continuado por Paiva e Ubaituba com a contribuição da formação no Uruguai, a orientação de Maurício Cravotto e a influência da Sociedade Francesa de Urbanismo – aproximou-se dos princípios do Movimento Moderno de maneira mais sistematizada a partir da segunda metade dos anos 1930, estruturando-se como prática e ação sobre a urbe no decorrer dos anos 1940 e consolidando-se como política de gestão da cidade a partir dos anos 1950. Analogamente à arquitetura, o urbanismo resistiu a formalismos exacerbados e valorizou os aspectos específicos dos problemas enfrentados, o “programa” da cidade, através da análise sistemática de seus fatores supervenientes. Da mesma maneira que nos projetos de arquitetura e no exercício do ofício praticado pelos arquitetos desta geração, a ponderação das outras disciplinas e a contribuição de outras ciências em um trabalho de equipe multidisciplinar igualmente prosperaram, em um sentido menos autoral e personalista, mais abrangente e universal. Da mesma forma, a vocação do fazer, nesta geração, e a capacidade de colocar em

marcha ações e projetos de arquitetura e urbanismo, propiciadas pelo espírito da época, favoreceram a realização e a efetivação de planos e propostas urbanísticas, mesmo que com naturais limitações impostas pela conjuntura. No entanto, a ação pragmática e sistêmica não significou o abandono de critérios de forma, mas sim a adesão ao sentido moderno do espaço urbano cuja validação ainda está por se fazer. Neste sentido, de abnegação, altruísmo e dedicação às causas em que se envolveram, os arquitetos desta geração em geral fazem jus a muitas vezes jocosa alcunha de heróis.

CONCLUSÃO

Na sequência da história, a Faculdade de Arquitetura ainda vivenciou algumas ameaças importantes. Durante o segundo mandato do prefeito Loureiro da Silva, a Secretaria de Obras enviou à Câmara Municipal de Porto Alegre o Projeto de Lei substitutivo ao projeto para a área da Praia de Belas, que já estava regulamentado, diminuindo a área de aterro e criando um grande parque linear, com o objetivo de desagrarar a área central com área verde adjacente (que deu origem ao Parque Marinha do Brasil). Com o apoio do prefeito, a mudança da lei foi procedida rapidamente, incorporando sua solicitação de que o novo traçado devolvesse à borda a forma de baía perdida nos projetos de aterros anteriores. A sugestão foi atendida pela Divisão de Urbanismo da Secretaria de Obras, em desenho elaborado à mão pelos urbanistas Carlos Maximiliano Fayet e Moacyr Moojen Marques, às vésperas de encaminhamento à Câmara Municipal, incorporando à lei de 1959, atualizada em 1961, o novo traçado do aterro da Praia de Belas conjuntamente com



Figura 14 - Da esquerda para a direita, Moacyr Moojen, Irineu Breitman (presidente do IAB-RS), Maurício Roberto e Carlos M. Fayet. Divisão de urbanismo da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Porto Alegre - PMPA, 1958.

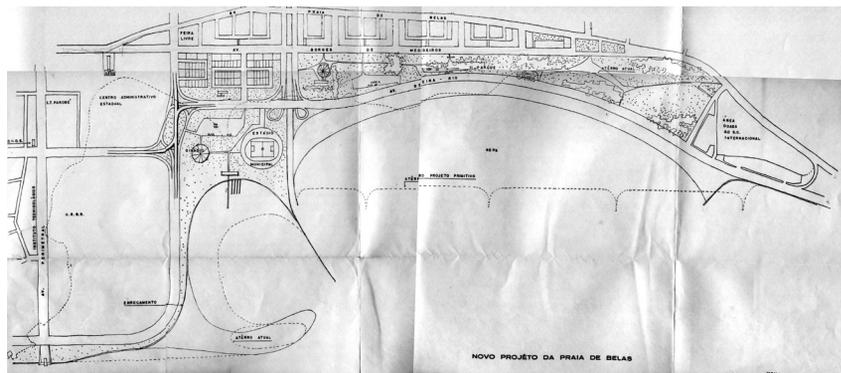


Figura 15 - Plano Diretor de Porto Alegre, nova versão para o Projeto da Praia de Belas, Edvaldo Pereira Paiva, Roberto F. Veronese, Carlos M. Fayet, Moacyr Moojen Marques e equipe, 1961, Porto Alegre - RS.

Figura 16 - Oficina de projeto "Os Espaços da FA/UFRGS", com professores e estudantes da FA/UFRGS e FAU/UnB. Porto Alegre, 2019.



outras mudanças, dentre elas a previsão de quarenta hectares para o novo Campus da UFRGS junto à orla, onde hoje se encontra o parque Mauricio Sirotsky Sobrinho, a criação do Centro Administrativo Estadual, onde hoje se encontra o C.A.E.R.G.S - Fernando Ferrari, o Parque Esportivo Municipal, onde está o Anfiteatro Pôr do Sol, a área doada ao Sport Club Internacional, onde está o Gigante da Beira Rio, a previsão de ocupação intensiva nos quarteirões entre a Av. Borges de Medeiros e Av. Praia de Belas, onde hoje está o Shopping Praia de Belas e a consolidação da orla, entre a avenida dique e o rio, como área pública, onde hoje está o Parque Moacyr Scliar e a Orla do Guaíba, ocupando toda a baía. Tendo a universidade refutado a ideia de abandonar o sítio histórico, principalmente frente ao fato de o aterro não estar concluído na oportunidade (era trocar terra por água)³⁴, prevaleceu outra hipótese, igualmente abandonada posteriormente, em prol da preservação do patrimônio histórico, de túnel parcial sob o campus central para ligação da Avenida Loureiro da Silva com o Elevado da Conceição (I Perimetral), atingindo parte da Medicina, o Instituto de Química (hoje Centro Cultural da UFRGS) e o Museu da UFRGS. Nesta hipótese, a Rua Sarmiento Leite seria incorporada ao campus com uso para pedestres. Por fim, com a política nacional de construção de campi de universidades públicas fora de áreas urbanas e a consequente construção do Campus do Vale, na década de 1970, a Faculdade de Arquitetura esteve novamente ameaçada de abandonar sua sede original. Novos movimentos institucionais envolvendo professores e estudantes criaram resistência.

Atualmente, porém, a já velha escola – integrante do Inventário da Arquitetura Moderna de Porto Alegre - 1945/65, realizado em associação entre o Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROPAR/UFRGS e o Doutorado em Arquitectura La Forma Moderna - ETSAB/UPC, com apoio da Agencia Española de Cooperación Internacional e do CNPq, em convênio com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre³⁵ – acusa que não é inoxidável, ainda que classificada como patrimônio histórico. Os problemas de manutenção, típicos dos prédios públicos da universidade, as intervenções pontuais realizadas sem planejamento nem critério técnico, a expansão das atividades acadêmicas e o incremento no número de ingressantes se somam às más condições e ao sucateamento da universidade pública brasileira com a redução de orçamento para a educação, como é visível em outras faculdades das universidades públicas do país, prejudicando seriamente as atividades desenvolvidas nestes espaços (campus e faculdades). Agrava este quadro o fato de o sentido da arquitetura

e do urbanismo como ciência e arte voltadas a criar lugares significativos e adequados às funções que devem abrigar esteja de lado, justamente na universidade, onde deveria ser a moradia da excelência e do conhecimento.

Face a estas questões, em 2019 a FA/UFRGS, em associação com a FAU/UnB, realizou oficina de projetos intitulada “Os Espaços da FA/UFRGS” em Porto Alegre, com professores, estudantes de graduação e pós-graduação e convidados das duas instituições, com o objetivo de retomar o esforço para debates e ações conjuntas em prol do patrimônio da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul³⁶. A escada da FA/UFRGS mais uma vez cumpriu seu papel.

NOTAS

¹ MIZOGUCHI, Ivan. XAVIER, Alberto. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini, 1987, p. 26.

² Guerra aborda a construção da identidade da arquitetura moderna brasileira liderada por Lucio Costa e fortalecida pela ideia da contextualização das vanguardas construtivas em ambiente tropical, onde o Rio de Janeiro goza de especial representatividade. Assinala, no entanto, a discussão a respeito do pioneirismo de Warchavchik e as buscas teóricas sobre a brasilidade do paulista Mario de Andrade em termos de iniciais relações da nova arquitetura com a paisagem, âmbito no qual posteriormente Burle Marx, em sua investigação sobre espécimes vegetais locais, alinhou-se à ideia de uma paisagem definida por elementos autóctones e sensível a condicionantes mesológicas. Em paralelo com a ideia de conformação de uma cultura moderna brasileira iniciada pelos paulistas e aprofundada pelos cariocas, prolifera a ideia de regionalismo e de sincretismo da cultura universal com particularidades locais, principalmente nos discursos teóricos de Lucio Costa e nas experiências de Burle Marx. Ver GUERRA, Abílio. **Lucio Costa, Gregori Warchavchik e Roberto Burle Marx: síntese entre arquitetura e natureza tropical**. **Arquitextos**: Vitruvius, São Paulo, 029.05, ano 03, out 2002. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/740>. Acesso em: 20 set 2006.

³ A primeira turma se formou em 1949, com Emil Achutti Bered, Mauro Guedes de Oliveira, Roberto Félix Veronezze, Salomão Sibemberg Kruchin, entre outros, e nas turmas seguintes, até 1951, Charles Renné Hugaud, Nelson Souza, Emilio Mabilde Rippol, Enilda Ribeiro, Jaime Luna dos Santos, Vera Carvalho Fabrício e Luís Fernando Corona.

⁴ Em sequência da reunião para a realização do II CBA, com a presença de Ernani Dias Correa, Eugênio Steinhof, Edgar Albuquerque Graeff, Edvaldo Ruy Pereira Paiva, Egon Weindorfer, Carlos Alberto de Holanda Mendonça, Carlos Bube dos Santos, Romeu Amaral e Max Hermann Schlüpmann, foi realizada, em março de 1948, nova reunião para a criação do Departamento Estadual do Instituto de Arquitetos do Brasil, sendo eleito como presidente o Prof. Ernani Dias Correa. *Ibid.*

⁵ A Revista *Espaço* foi sequência da publicação denominada *Ante-projeto*, a exemplo da revista homônima criada por Edgar Albuquerque Graeff e Marcos Jaimovich na Faculdade Nacional

de Arquitetura do Rio de Janeiro. Em Porto Alegre, o primeiro número dedicado ao próprio II CBA foi dirigido por Edgar Albuquerque Graeff, Marcos Jaimovich, Francisco Riopardense Macedo, Jorge Sirito, Luis Fernando Corona e Néelson Souza. Ver: IBA. **Ante-Projeto**. Arquitetura, Urbanismo, Arte – Edição dedicada ao II Congresso Brasileiro de Arquitetos. Porto Alegre: IBA-RS, n. 1, ago. 1948.

⁶ Natural de Montevidéu (1893/1962), graduado na UDELAR em 1917, aluno de José Pedro Carré (egresso da École de Beaux Arts de Paris, vindo da França em 1907, especialmente contratado como catedrático do Curso de Arquitetura. Carré era discípulo de J. L. Pascal, que detinha proximidade com Guadet, e através deles interesse em Labrouste e no racionalismo francês), foi ganhador do I Grande Premio da UDELAR, com o qual foi à Europa durante três anos estudar urbanismo com Leon Jaussely (nos anos após a Primeira Guerra Mundial, presidiu a Société Française des Architectes et Urbanistes, com Alfred Agache. Em 1926, esteve em Montevidéu e proferiu nove conferências sobre urbanismo). Criou a Cátedra *Trazados de Ciudades y Arquitectura Paisagística*, na UDELAR, em 1922. Ganhou a medalha de ouro do I Salão de Arquitetura de Montevidéu, coordenou o Plano Regulador de Montevidéu (1930) e é autor de projetos representativos da arquitetura moderna no Uruguai, como o Rowing Club, o Palácio Municipal, o Hotel Rambla e a Casa-Estudio Kalinen. Venceu o concurso para o Plano Urbanístico da cidade de Mendoza, na Argentina, em 1941, onde o grupo Austral classificou-se em terceiro lugar. Colaborou com Edvaldo Pereira Paiva em inúmeras ocasiões sobre o planejamento urbano de Porto Alegre. Ver CRAVOTTO, Maurício. **Monografias Elarqa**, n. 2. Montevidéu: Editorial dos Puntos, 1995.

⁷ O curso de Cravotto no IBA foi realizado em 1948, acompanhado pelos professores Demétrio Ribeiro, Edgar Graeff, Luiz Ubatuba de Farias, Edvaldo Paiva, Ney Crisostomo da Costa, Eugênio Steinhoff, e pelos estudantes Enilda Ribeiro, Jaime Luna dos Santos, Charles Renne Hugaud, Emil Achutti Bered, Samuel Sibemberg Kruchin, Roberto Félix Veronese, entre outros. O Prof. Arquiteto Idelfonso Aroztegui (1916 - 1998), formado na Facultad de Arquitectura de la Universidad de la Republica (1941), com o título de Master of Science pela Illinois University em Chicago, obteve o primeiro prêmio do concurso *Ab Elementary School of Tomorrow*, promovido pela revista norte-americana *Architectural Record*. Foi presidente da Sociedad de Arquitectos de Uruguay (1961-1963).

⁸ Segundo PEREIRA, “embora não seja muito lembrado, o curso de urbanismo no Brasil surgiu com a Universidade do Distrito Federal - RJ em 1935 e, em 1939, como pós-graduação”, com Professores como Lucio Costa e Carlos Leão, que formou Carmen Portinho e Paulo Camargo. Ver PEREIRA, Margareth A. C. da Silva in CAU/BR. **Duzentos Anos do ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil: História e reflexões**. Disponível em: <<https://www.cau-br.gov.br/duzentos-anos-do-ensino-de-arquitetura-no-brasil-historia-e-reflexoes/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

⁹ Oscar Niemeyer veio pela segunda vez ao estado. A primeira viagem foi realizada em 1945, vinculada ao projeto realizado para o Instituto de Previdência do Estado, em terreno localizado na esquina da Avenida Borges de Medeiros com Andrade Neves, posteriormente ocupado pelo “Mata-Borrão” de Marcus Heckman. Nesta segunda viagem, igualmente realizada de táxi, como a primeira, veio acompanhado de Eduardo Corona. Conjuntamente com a turma de formandos composta dos engenheiros Nelly Peixoto Martins, Sérgio Correa e Francisco Riopardense de Macedo, o meio acadêmico do IBA mobilizou-se para prestigiar a presença do arquiteto carioca, que, por sua vez, além do discurso de formatura, realizou duas palestras no IBA e uma mesa redonda na casa de Fernando Corona, além de duas entrevistas concedidas ao *Correio do Povo* e à *Revista do Globo*. Ver: NIEMEYER, Oscar. O povo gosta da nova arquitetura.

Correio do Povo, Porto Alegre, ano 54, n. 165, 15 abr. 1949. p. 16. OSCAR Niemeyer em Porto Alegre. **Revista do Globo**, Porto Alegre, ano 20, fascículo 482, 15 mai. 1949. p. 43-45 e 72.

¹⁰ A FNA de certa maneira é espinha dorsal do ensino de arquitetura no Brasil, oriunda da Academia de Artes e Ofícios, criada em 1808 com a chegada da família real no Brasil, posteriormente transformada em Academia Imperial, com a arquitetura como um dos cursos da Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, coordenado por Grandjean de Montigny, integrante da missão francesa. No início do século XX, já na República, a Escola Nacional de Belas Artes passou a ocupar o edifício historicista e monumental, projetado por Morales de los Ríos, na atual Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. Em 1931, com a reforma de ensino, filiada ao Movimento Moderno e aos modelos de ensino contemporâneos, com a criação, entre outros conteúdos, da disciplina de urbanismo, proposta pelo diretor Lucio Costa (de 1930 a 1931), iniciou processo de inovação – repleto de polêmicas com o segmento conservador ligado à tradição acadêmica e recheado de episódios como a realização do Salão Revolucionário, em 1931, com artistas como Guinard, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Anita Mafalti e Tarsila do Amaral. A exoneração de Lucio Costa da direção da Escola, logo a seguir, e a passeata de protesto de estudantes acompanhada de Frank Lloyd Wright culminaram com a criação da FNA, em 1945, separada da ENBA, no mesmo ano de criação do Curso de Arquitetura do IBA. Ver: SIMON, Cirio. **Origem do Instituto de Artes da UFRGS**. [Tese de doutorado]. Porto Alegre: PUC-RS, 2002.

¹¹ Dentre outros, os projetos de Jorge Machado Moreira para o Centro Cívico de Porto Alegre, no final dos anos 1930, o seu projeto para o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, em 1942, o concurso para Administração Central da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, vencido por Affonso Eduardo Reidy e Jorge Machado Moreira, em 1944, e o projeto de Oscar Niemeyer e Saturnino de Brito para o Instituto de Previdência do Estado – IPE, em 1945. Posteriormente, em 1948, o IBA perderia seu professor de grandes composições, Jorge Machado Moreira, cedido ao Escritório Técnico da Cidade Universitária da Universidade do Brasil, por solicitação do Ministério de Educação e Saúde, para a realização do projeto da Cidade Universitária e da sede da FNA, desde 1961 até hoje, projeto premiado na Bienal de 1957. A arquitetura carioca ainda marcaria presença no contexto gaúcho com a vinda e a produção arquitetônica local do alagoano Carlos Alberto de Holanda Mendonça (1920-1956), em 1947, e do gaúcho Edgar Graeff, em 1948, ambos formados na FNA. Ver: CALOVI PEREIRA, Cláudio. **Primórdios da arquitetura moderna em Porto Alegre: a presença dos arquitetos do Rio de Janeiro. Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis**, Porto Alegre, v. 2, out. 2000. p. 47-71.

¹² Os antagonismos, porventura, estavam mais no campo ideológico do que na relação de sobreposição ou oposição de conteúdos disciplinares, ou ao menos de orientação técnica do Curso de Arquitetura de ambas as instituições. O Curso de Engenharia, coordenado por engenheiros que dominavam o mercado de trabalho, de fato tinha um perfil mais liberal do ponto de vista econômico, e significativamente mais conservador sob o ponto de vista estético, apesar da presença de Eugênio Steinhof. Enquanto o IBA, recheado de arquitetos e urbanistas filiados a correntes progressistas, com grande afinidade com personagens como Oscar Niemeyer, inicialmente, e Vilanova Artigas, a seguir, reconhecidos por suas posições progressistas, aderiu ao Movimento Moderno tanto pela via de suas tendências formais quanto por seu emblemático ideológico. Estabeleceu-se, portanto, um polarizado embate de correntes filosóficas acentuadas pelo panorama internacional do pós-guerra, início da Guerra Fria, Stalinismo por um lado, macarthismo por outro e, no contexto nacional, o fim do Estado Novo e o início de uma breve abertura política interrompida abruptamente em 1964. Nesse sentido, a liderança de Steinhof, naturalizado norte-americano, na Engenharia, e Demétrio Ribeiro, Edgar Graeff e Edvaldo Paiva,

referendados por Oscar Niemeyer pelo IBA, só fazia acentuar o processo de polarização radical, não tão incomum, em geral, no Sul.

¹³ A Politécnica da Universidade de São Paulo – USP foi criada em 1893, face às demandas de industrialização, iminentes no panorama internacional do final do século XIX, e à necessidade de engenheiros, inicialmente com os cursos de Astrofísica, Arquitetura, Belas Artes, Física, Química e Zootecnia, que posteriormente se transformaram em faculdades autônomas, com professores importantes, tais como Adolfo Lutz, Vital Telêmaco, Van Langendock, entre outros. Em 1934, a Escola Politécnica incorporou-se à Universidade de São Paulo e, em 1960, instalou-se na Cidade Universitária.

¹⁴ Gustav Steinhof (1880, Viena – 1952, Los Angeles), ou Eugene Pierre Lacour, era arquiteto, pintor, escultor e cenógrafo. Vienense conectado aos arquitetos da secessão, formou-se engenheiro estrutural e arquiteto (1905), sendo aluno de Joseph Maria Olbrich, Otto Wagner, José Hoffman, Adolf von Hildebrand e Henri Matisse, e colega de Arnold Schoenberg. De 1923 a 1930, foi professor na Kuntgewerbeschule (Escola de Artes e Ofícios), em Viena. Conjuntamente com Hoffman, representou a Áustria na comissão julgadora do Concurso da Liga das Nações (1926) em Genebra e, segundo AZEVEDO E MOURA, apoiava a proposta de Le Corbusier. Fez diversos projetos de cenografia, entre eles para a ópera “O Menino e os Sortilégios”, de Maurice Ravel, em Paris (1925), a qual teria recebido prêmio na Exposição Internacional de Barcelona (1929). Refugiado judeu nos Estados Unidos, trocou de nome e, entre 1931 e 1946, foi professor em diversas universidades americanas (entre elas a Columbia University) e auxiliou na migração de arquitetos alemães aos EUA, em particular os oriundos da Bauhaus, como Walter Gropius e Mies van der Rohe. Realizou conferências em São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Córdoba e Montevidéu (1929) no mesmo ano da vinda de Le Corbusier à América Latina, tendo sido professor *Ad honorem* na UDELAR de Montevidéu. No Rio de Janeiro, recebeu o título de sócio honorário do Instituto Central de Arquitetos, de Adolfo Morales de los Rios, que o indicou para organizar o Curso de Arquitetura da Escola da Engenharia da UFRGS. Veio a Porto Alegre, onde lecionou Arquitetura na Escola de Engenharia da UFRGS, entre 1946 e 1951, especialmente contratado para estruturar o Curso de Arquitetura. Voltou aos Estados Unidos diante do recrudescimento da Guerra Fria, falecendo em 1952. STEINHOF, Eugene. Entrevista. **Estado de São Paulo**, 22 set. 1929. p. 47 e AZEVEDO e MOURA, Roberto. **Entrevista**. Depoimento ao autor, gravação digital, Porto Alegre, nov. 2010.

¹⁵ O movimento pela criação de uma faculdade de arquitetura independente e não parte integrante do Instituto de Engenharia, como pretendido em determinado momento pela Reitoria, com anuência do Curso de Arquitetura da FE, ganhou força em 1950 a partir da campanha “Por uma Faculdade de Arquitetura” – PUFA, coordenada pela comissão integrada pelos estudantes do IBA, Ari Mazzini Canarim, Vera Fabrício, Enilda Ribeiro, Carlos Maximiliano Fayet, Paulo Vallandro, Luiz Radomski, Gerson Hoyer, Aldrovando Guerra, Zeno Maraninchi, Afrânio Sanches Loureiro, conjuntamente com os professores Tasso Bolívar Dias Correa, Ernani Dias Correa, Fernando Corona e outros. O movimento ganhou páginas no jornal e envolveu mobilização pública. Ver: Lançam-se os estudantes do Instituto de Belas Artes na campanha “Por uma Faculdade de Arquitetura”. **Correio do Povo**, Porto Alegre, Cia. Jornalística Caldas Júnior, 26 mar. 1950. p. 32.

¹⁶ Departamento criado por Getúlio Vargas em 1938. Segundo Carlos E. D. Comas, fizeram projetos para o DASP arquitetos do calibre de Atílio Correia Lima e equipe que possivelmente poderiam ter conexão com o projeto da FA/UFRGS, mas não há confirmação. Sobre o DASP, ver MATTOS, Pedro Lincon. **Racionalização administrativa versus concepções patrimonialistas no provimento de pessoal no serviço federal: o Ministério da Educação e**

Cultura entre 1960 e 1985. Disponível em <<https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/3725/2142>>. Consultado em 14/08/2020 às 11h48.

¹⁷ Na oportunidade do diretor da escola era Nei Crisostemo da Costa, nomeado pelo reitor, cujo filho, Oziel, aluno da Faculdade de Arquitetura, foi contratado pela direção para redesenhar os projetos vindos do Rio em cópias heliográficas, produzindo originais, segundo relato de Moacyr Moojen Marques. Ver MARQUES, Moacyr Moojen. **Depoimento ao autor**. Gravação digital. Edifício FAM, jun. 2008

¹⁸ Plano Diretor de Porto Alegre – Lei n. 2.046 de 1959, substituída pela Lei n. 2.330, de 1961. Plano geral de desenvolvimento urbano, coordenado pelo Eng. Edvaldo Pereira Paiva, do qual fizeram parte Roberto Felix Veroneze, Carlos M. Fayet e Moacyr Moojen Marques, entre outros.

¹⁹ Primeiro Plano de Desenvolvimento Urbano – I PDDU, 1979, coordenado por Moacyr Moojen Marques.

²⁰ Relacionado com o plano de Melhoramentos de Porto Alegre, coordenado por Moreira Maciel no início do século XX, e com o traçado urbano do Parque Farroupilha e da Exposição de 1935, cuja estrutura geral advém de proposta de Alfred Agache realizada nos anos 1930. Sobre a evolução urbana e o desenvolvimento do projeto urbanístico do campus central da UFRGS, ver TONIOLI, Renata Manara. ABREU, Silvio Belmonte [orient.]. **Cidade e Universidade - Arquitetura e configuração urbana do Campus Centro da UFRGS**. Porto Alegre: PROPAP / UFRGS. Dissertação de mestrado, 2014. Disponível em < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/101861/000931052.pdf?sequence=1>>. Consultado em 14/08/2020, às 12h53.

²¹ Neste sentido, com poucos recursos e sérias limitações orçamentárias, algum nível de urbanização do campus, objetivando potencializar as áreas de uso comum da Universidade, foram projetadas pelo Setor de Patrimônio Histórico – SPH da Superintendência de Infraestrutura – SUINFRA da UFRGS, com a participação dos arquitetos Cyrillo Crestani, em um primeiro momento, e de Édson Zanckin Alice, posteriormente.

²² Ibid. p. 180

²³ Nos primeiros anos de existência da FA/UFRGS muitas importantes exposições e eventos de arquitetura promovidos pela própria Faculdade ou pelo IAB/RS, cuja sede inicial coincidia, aconteciam neste pavimento. Mesmo com a expansão do programa da escola e a consequente colonização do espaço pela pós-graduação, ainda assim, nos anos 1970 e 1980, o terraço era o espaço privilegiado para festas e confraternizações, como a que sediou a primeira apresentação pública da banda Engenheiros do Havai, com dois integrantes estudantes de arquitetura, e as regionalmente famosas FAFARQs, festas à fantasia da Faculdade de Arquitetura, promovidas anualmente até hoje.

²⁴ A biblioteca teve projeto de revitalização realizado entre 2011 e 2012 pelo professor da FA/UFRGS e arquiteto Claudio Fischer.

²⁵ COMAS, Carlos Eduardo Dias. PIÑON, Hélio. Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre - 1945 / 1965. Porto Alegre: Marca Visual, 2013. p. 24.

²⁶ O edifício recebeu projeto de recuperação parcial, nos anos 2000, coordenado pelo arquiteto Édson Zanckin Alice do SPH/SUINFRA/UFRGS.

²⁷ Id. p. 24.

²⁸ Id. p. 25.

²⁹ Sobre o período de crise da arquitetura moderna no Sul, ver MARQUES, Sergio Moacir. **A Revisão do Movimento Moderno? Arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 1980**. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2002. Especificamente sobre acontecimentos emblemáticos ocorridos

na FA/UFRGS ver SILVA, Elvan. Pompas fúnebres para Le Corbusier. **Jornal do Instituto de Arquitetos do Brasil**, Porto Alegre, n. 15, p. 3, out. 1982.

³⁰ Já nos anos 2000, projeto de ampliação e revitalização da escola, realizado por comissão composta de professores da FA/UFRGS, reacendeu debates sobre sua representatividade arquitetônica e critérios de intervenção em possível patrimônio histórico. O projeto, coordenado pelo professor da FA/UFRGS e arquiteto César Dorfman, chegou a tramitar na Prefeitura Municipal de Porto Alegre - PMPA.

³¹ Ibid. p. 12.

³² O texto deste subcapítulo é parcialmente baseado em parecer sobre a FA/UFRGS como patrimônio histórico, formulado pelo DOCOMOMO Núcleo RS, por solicitação da Equipe do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Prefeitura Municipal de Porto Alegre - EPHAC/PMPA. Ver MARQUES, Sergio Moacir. **Parecer 01_09_FAUFRGS - Parecer referente ao edifício sede da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Cópia digital. Porto Alegre: Docomomo Sul - Núcleo RS, 2009. Igualmente houve consulta e parecer do DOCOMOMO Brasil a este respeito. Ver COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Parecer sobre a preservação do edifício da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre**, Cópia digital. Porto Alegre: Docomomo Brasil, 2009.

³³ A dimensão formal da arquitetura moderna foi uma constante, embora em determinados momentos o sentido de ordem tenha se restringido a condicionantes funcionais e construtivas, sob o ponto de vista da racionalidade de sua organização e produção. Porém, a espiritualidade visível na obra de Le Corbusier e o rigor formal perseguido insistentemente na obra de Mies e seus seguidores, para citar dois exemplos canônicos, comprovam a indissociável dimensão artística da arquitetura manifesta pelas lideranças modernas, em particular a investigação de novos parâmetros formais, ligados à abstração, e novos parâmetros de controle formal, distintos da tradição acadêmica, adequados às funções e condições técnicas contemporâneas.

³⁴ A instalação do novo campus da UFRGS na área foi rejeitada pelo Reitor da Universidade, Eliseu Paglioli. O urbanista Moacyr Moojen Marques foi encarregado pela PMPA para conduzir as tratativas junto à Universidade, que acabaram por resultar na preservação do Campus Central da UFRGS. Ver MARQUES, Moacyr Moojen. **Depoimento ao autor**. Gravação digital. Edifício FAM, jun. 2008.

³⁵ Ação acadêmica coordenada pelos Professores Carlos E. D. Comas (UFRGS) e Hélio Piñon (UPC). Ver COMAS, Carlos Eduardo Dias. PIÑON, Hélio. **Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre - 1945 / 1965**. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.

³⁶ Organização: Prof. Arq. Dr. Sergio M. Marques - Depto. Arquitetura - PROPAR - FA/UFRGS - Ateliê de Projeto V Turma C, Profa. Dra. Luciana Saboia Fonseca - THAU - PPG - FAU/UnB - Ateliê de Projeto de Arquitetura - Tópicos Especiais. Colaboração: Profa. Arq. Paola C. F. Martins - Doutoranda PPG FAU/UnB, Arq. Me. Doutoranda PPG FAU/UnB Cecília Sá, Arq. Renata Beck - Estagiária Docente - PROPAR/UFRGS - Atelier de Arquitetura, Arq. Camila F. Wentz - Estagiária Docente - PROPAR/UFRGS, Monitor Acad. Willian Flores - Ex Aluno PVC FA/UFRGS, Monitor Samuel Dantes Ex Aluno PVC FA/UFRGS, Escritório de Arquitetura Arqbr - Distrito Federal. Palestrantes Convidados: Prof. Arq. Dr. Carlos E. D. Comas - PROPAR/UFRGS, Eder Alencar - Escritório Arqbr - DF, André Velloso - Escritório Arqbr - DF. Participantes Convidados: Escritório Sauer & Martins (POA), Profa. Dra. Luciana Miron (PROPUR-FA/UFRGS), Arq. Monica Bohrer - Mestranda PROPAR/UFRGS - Escritório BML8.

^{Ver} MARQUES, Sérgio Moacir. **Ateliê de Projeto V: Turma C**, Porto Alegre: Marcavizual, 2021. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/219310>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- “Por uma Faculdade de Arquitetura”. **Correio do Povo**, Porto Alegre, Cia. Jornalística Caldas Júnior, 26 mar. 1950. p. 32.
- CALOVI PEREIRA, Cláudio. Primórdios da arquitetura moderna em Porto Alegre: a presença dos arquitetos do Rio de Janeiro. **Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis**, Porto Alegre, v. 2, out. 2000. p. 47-71.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Parecer sobre a preservação do edifício da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre**, Cópia digital. Porto Alegre: Docomomo Brasil, 2009.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. PIÑON, Hélio. **Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre - 1945 / 1965**. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.
- CRAVOTTO, Maurício. **Monografias Elarqa**, n. 2. Montevidéu: Editorial dos Pontos, 1995.
- GUERRA, Abílio. **Lucio Costa, Gregori Warchavchik e Roberto Burle Marx: síntese entre arquitetura e natureza tropical**. **Arquitextos**: Vitruvius, São Paulo, 029.05 ano 03, out 2002. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/740>. Acesso em: 20 set 2006.
- IBA. **Ante-Projeto**. Arquitetura, Urbanismo, Arte – Edição dedicada ao II Congresso Brasileiro de Arquitetos. Porto Alegre: IBA-RS, n. 1, ago. 1948.
- KREBS, Carlos Galvão. II Congresso Brasileiro de Arquitetura. **Revista do Globo**, Porto Alegre, n. 478, 5 mar. 1949. p. 46-49.
- LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do “gênio artístico nacional”**. [Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura]. OLIVEIRA, Rogério da Castro (Orient.). Porto Alegre: FA-UFRGS, 2004.
- MARQUES, Moacyr Moojen. **Depoimento ao autor**. Gravação digital. Edifício FAM, jun. 2008.
- MARQUES, Sérgio Moacir. **Ateliê de Projeto V: Turma C**, Porto Alegre: Marcavivual, 2021.
- MARQUES, Sérgio Moacir. **Fayet, Araújo & Moojen - Arquitetura Moderna Brasileira nos Sul: 1950-1970**. [Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura]. COMAS, Carlos Eduardo Dias (Orient.). PIÑON, Hélio Pallares (Co-Orient.). Porto Alegre: FA-UFRGS, 2012.
- MARQUES, Sérgio Moacir. **Parecer 01_09_FAUFRGS - Parecer referente ao edifício sede da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Cópia digital. Porto Alegre: Docomomo Sul - Núcleo RS, 2009.
- MARQUES, Sérgio Moacir. **Parecer 01_09_FAUFRGS - Parecer referente ao edifício sede da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Cópia digital. Porto Alegre: Docomomo Sul - Núcleo RS, 2009.
- MARQUES, Sérgio Moacir. **A Revisão do Movimento Moderno? Arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 1980**. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2002.

- MATTOS, Pedro Lincon. **Racionalização administrativa versus concepções patrimonialistas no provimento de pessoal no serviço federal: o Ministério da Educação e Cultura entre 1960 e 1985.** Disponível em <<https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/3725/2142>>.
- MIZOGUCHI, Ivan. XAVIER, Alberto. **Arquitetura moderna em Porto Alegre.** São Paulo: Pini, 1987, p. 26.
- NIEMEYER, Oscar. O povo gosta da nova arquitetura. **Correio do Povo**, Porto Alegre, ano 54, n. 165, 15 abr. 1949. p. 16.
- OSCAR Niemeyer em Porto Alegre. **Revista do Globo**, Porto Alegre, ano 20, fascículo 482, 15 mai. 1949. p. 43-45 e 72.
- PEREIRA, Margareth A. C. da Silva in CAU/BR. **Duzentos Anos do ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil: História e reflexões.** Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/duzentos-anos-do-ensino-de-arquitetura-no-brasil-historia-e-reflexoes/>>.
- SILVA, Elvan. Pompas fúnebres para Le Corbusier. **Jornal do Instituto de Arquitetos do Brasil**, Porto Alegre, n. 15, p. 3, out. 1982.
- SIMON, Círio. **Origem do Instituto de Artes da UFRGS.** [Tese de doutorado]. Porto Alegre: PUC-RS, 2002.
- STEINHOF, Eugene. Entrevista. **Estado de São Paulo**, 22 set. 1929. p. 47 e AZEVEDO e MOURA, Roberto. **Entrevista.** Depoimento ao autor, gravação digital, Porto Alegre, nov. 2010.
- TONIOLI, Renata Manara. ABREU, Silvio Belmonte [orient.]. **Cidade e Universidade - Arquitetura e configuração urbana do Campus Centro da UFRGS.** Porto Alegre: PROPAR/UFRGS. Dissertação de mestrado, 2014.

Índice remissivo

- Arquitetura moderna 11, 12, 15, 21, 39, 49, 55, 64-66, 68-80, 82, 83, 157, 161, 163, 179, 210
- Biblioteca 29, 31, 32, 42, 43, 54, 60, 70, 82, 164, 167-169, 176, 177, 199, 246-249, 258, 263
- Campus universitário 9, 14, 40, 41, 48-50, 53, 55, 162, 235, 246, 255, 257, 260, 270, 274, 276, 278
- contexto urbano 229
- eixo 9, 10, 15, 25, 26, 31, 47, 50, 52, 55, 60, 61, 157, 162, 164, 168, 170, 177, 260-262
- ensino 912, 15, 29, 38-44, 54, 56, 57, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 79, 80, 91, 163, 165, 166, 170, 180, 195, 227, 229, 244, 245, 250, 251, 258, 269-278
- espaço universitário 9, 10, 15, 87, 179, 269, 275
- faculdade de arquitetura 12, 41, 43, 53, 65, 67, 69, 72, 73, 76, 77, 81-83, 160, 181, 187, 196, 198, 201, 203, 244, 261, 278
- ICC (Instituto Central de Ciências) 9-15, 33, 88, 89, 155, 167, 169-174, 177-183, 187, 188, 191-195, 197, 202, 209-213, 215-217, 219, 225-239, 244, 246, 248, 249, 253, 257-262, 274-277
- infraestrutura 11-13, 53, 56, 57, 62, 82, 89, 90, 188, 190, 197, 198, 199, 261
- inovação 14, 16, 40, 44, 59, 68, 80, 190, 217, 239, 256, 256, 259, 261, 269
- Lucio Costa 9, 10, 16, 21-23, 29, 30-33, 51, 78-80, 157, 158, 161-165, 167, 170, 178, 207, 218, 227, 229, 249, 258, 259, 262, 263, 274
- megaestrutura 9, 10, 12, 15, 88, 92, 93, 272-274
- mobilidade 57, 58, 61
- modernidade 10, 11, 16, 72, 179
- Oscar Niemeyer 9, 10, 13, 14, 21, 67, 79-81, 87, 88, 155, 157-159, 161, 165, 167-171, 173-182, 187, 205, 209, 218, 220, 226, 2227, 232, 236, 238, 243, 244, 248, 256, 258, 259, 274, 275

paisagem 10, 13, 23, 29, 31, 32, 58, 59, 78, 93, 156, 157, 209, 225, 226, 229, 232, 238

patrimônio 66, 69, 70, 77, 78, 82, 83, 159, 258

Plano Diretor 14, 55, 58, 61, 62, 82, 218, 235, 256, 257, 260, 274

Praça Maior | Praça Magna 10, 14, 22, 23, 29-33, 163, 164, 167-169, 174, 176-178, 190, 244, 246, 248, 251, 263

processo histórico 22, 27, 72

projeto arquitetônico 247, 274

Reitoria 31, 32, 43, 50, 52, 54, 55, 58, 69, 71, 81, 88, 164, 167, 168, 176, 177, 199, 246, 247, 261

sistema construtivo 70, 90-93, 181, 209

sistema estrutural 89, 219

Crédito das figuras

ACERVOS:

CEPLAN

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

ICC: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Capítulo 7: 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10

Capítulo 8: 7

Arquivo Público do Distrito Federal

ICC: 26, 37, 38, 39

Capítulo 8: 2, 3, 4, 5

Arquivo Central da Universidade de Brasília

Capa, 1 (antes da apresentação), 2 (após a apresentação), 3 (após o último capítulo)

ICC: 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40

Capítulo 8: 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19

Wikimedia Commons

Capítulo 1: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Acervo pessoal de Matheus Gorovitz

Capítulo 1: 28

Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

Capítulo 2: 1, 2, 3, 4

Acervo UFPE

Capítulo 3: 2, 4

IPHAN – PE

Capítulo 3: 3

Plano Diretor Físico – UFPE

Capítulo 3: 5, 10

Acervo Memorial Denis Bernardes – UFPE

Capítulo 3: 6, 7

Acervo FAM/PROPAR/UFRGS

Capítulo 4: 1, 2, 3, 5a, 5b, 12, 13, 14, 15, 8b

Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico – SUINFRA/UFRGS

Capítulo 4: 4, 6, 7, 8a, 9, 10, 11

Acervo PVC/FA/UFRGS

Capítulo 4: 16

Acervo UFMG

Capítulo 5: 1, 4, 5, 6, 10, 11, 12

Prefeitura do Campus

Capítulo 9: 9

Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998) - UnB

Capítulo 11: 1, 2

Google Earth

Capítulo 11: 3

FOTOGRAFIA:

Randal Andrade

ICC: 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Paulo Honorato (ilustração)

Capítulo 1: 1, 2, 17, 18, 23, 24, 25, 26

Maria Cláudia Candeia de Souza

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

Diogo Barretto

Capítulo 3: 8

Lucas Jordano

Capítulo 3: 9

Irineu Breitman

Capítulo 4: 3

Sérgio M. Marques

Capítulo 4: 8b

Carlos Alberto Batista Maciel

Capítulo 5: 2, 3, 7, 8, 9

Junia Mortimer

Capítulo 5: 12

Paola Ferrari

ICC: 1, 2, 3

Elcio Gomes da Silva

Capítulo 8: 1

Juliano Caldas de Vasconcellos

Capítulo 8: 12

Cláudia Amorim

Capítulo 9: 4, 5, 6

Caio Silva

Capítulo 9: 7

Nayanna Nobre

Capítulo 10: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

Adaptado de MELLART, J, Catal Hüyük: A Neolithic Town In Anatolia. New York: McGraw-Hill Book Company, 1967, p. 59, 62 e 127. **Capítulo 1: 1**

Adaptado de Claus Roloff in SMITH, M. Gordon Childe and the Urban Revolution: a historical perspective on a revolution in urban studies. TPR, 80 (1), 2009, p. 9. Disponível em: < [https://www.public.asu.edu/~mesmith9/1-CompleteSet/MES-](https://www.public.asu.edu/~mesmith9/1-CompleteSet/MES-09-Childe-TPR.pdf)

[09-Childe-TPR.pdf](#)>. Acesso em: 21 jan. 2022. **Capítulo 1: 2**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy; TEIXEIRA, Anísio. Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília, 1962, p. 22, p. 25 e p. 33. **Capítulo 1: 16, 19**

CABRAL, Renata Campello. Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista no Recife. Recife: Editora da UFPE, 2006, p. 32. **Capítulo 3: 1**

ROMERO, Marta Adriana Bustos; CLÍMACO, Rosana; ANDRADE. Liza (coord). Avaliação ambiental integrada do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília. Relatório. **Capítulo 9: 1, 8**

QUEIROZ, Claudio J. P. V. Instituto Central de Ciências: Plano de Conclusão e Sistematização de Usos. Brasília. Universidade de Brasília, Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Centro de Planejamento - CEPPLAN. Brasília, 1990. **Capítulo 9: 3**

MODELAGEM TRIDIMENSIONAL:

Elcio Gomes, Juliano Vasconcellos, José Manoel Sánchez
Capítulo 8: 6, 8, 9, 10, 11

SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL:

Programa Sol-Ar
Capítulo 9: 2a, 2b, 4, 5

Projeto, Ensino e Espaço Universitário: o Instituto Central de Ciências (ICC-UnB) e outras arquiteturas

CURRICULUM RESUMIDO DOS ORGANIZADORES:

Luciana Saboia Fonseca Cruz

Professor Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PPGFAU - UnB) e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2019. Foi vice-diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2015-2019) e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (2019-2021). Atua como pesquisadora visitante no laboratório Office for Urbanization da GSD Harvard, EUA, pesquisadora associada ao LOCI, UCLouvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica; ao Laboratoire Infrastructure, Architecture, Territoire - LIAT, ENSA Paris-Malaquais, França. Pesquisa e publica sobre a relação entre paisagem, apropriação social e teoria do projeto com enfoque nas questões sobre modernidade, urbanismo moderno e novas capitais.

Ana Elisabete de Almeida Medeiros

Arquiteta e Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília, SOL/UnB (2002) incluindo um período de estágio no Center of Latin American Studies da University of California Berkeley, CLAS/UC Berkeley (2001). Realizou estudos de pós-doutoramento no Laboratoire PACTE, IUG/IGEA - UPMF e foi pesquisadora visitante no Latin American Centre

da University of Oxford. Pesquisa e publica sobre a preservação do patrimônio cultural e suas interfaces com questões da arquitetura e urbanismo modernos, da teoria e ensino de projeto, tendo buscado aproximações recentes com os campos da ciência política e etnografia. Foi consultora da UNESCO no Escritório Nacional em Brasília, em 2009 e hoje coordena o Projeto de Pesquisa Arquiteturas Impressas, parte do Grupo de Pesquisa Documentação, Modelagem e Preservação do Patrimônio Cultural UnB/CNPq, vinculado ao LabEUrbe (PPG/FAU-UnB), Laboratório de Estudos da Urbe do qual foi fundadora e Coordenadora (2013-2015).

Paola Caliarì Ferrari Martins

Arquiteta e Professora do Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Coordena o Centro de Documentação Edgar Graeff, biblioteca setorial da FAU/UnB (2015). É membro do grupo de pesquisa Topos - Paisagem, Projeto, Planejamento (UnB/CNPQ), e participa da pesquisa Projeto e Representação e Estudos sobre o Projeto de Edificação: ontologia, método e experiência, coordenado pelo prof. dr. Jaime Gonçalves de Almeida. Pesquisa questões relacionadas à concepção e desenvolvimento do projeto de arquitetura, especialmente na temática campus universitário, com interesse na articulação entre o processo de ensino-aprendizagem e o espaço arquitetônico. Está com a tese em elaboração intitulada: “Campus universitário e megaestrutura: o Instituto Central de Ciências e a impermanência da universidade”.

CURRICULUM RESUMIDO DOS AUTORES:

Matheus Gorovitz

Professor titular do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1963), possui mestrado(1989) e doutorado (1996) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; estagio de pós doutorado na Universidade Paris I Sorbonne (2000). Publicou: Brasília, uma questão de escala, Os riscos do projeto e A invenção da Superquadra. Participa do Grupo de

Pesquisa Projeto e Estética sediado na FAU UnB com interesse nas áreas de Projeto e História da Arte e da Arquitetura.

Maria Cláudia Candeia de Souza

Doutora em Arquitetura e Regeneração Urbana pela Universidade de Tóquio. É professora no Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB). Coordena do grupo de pesquisa “Geometria Construtiva: possibilidades na arte e na arquitetura” (FAU-UnB) e atualmente desenvolve pesquisa sobre arte e arquitetura japonesa contemporânea no Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília (NEASIA-UnB).

Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu

Professor titular e diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB-UFRJ) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2016. Arquiteto pela Ecole d'Architecture de Toulouse (1992), é doutor em Ciências da Arquitetura pela Universidade de Nantes (1998) com atuação na Universidade de Columbia em Nova York, e outras instituições como ENSA Marseille, ENSA Paris-Malaquais e Université Paris-Est na França. É diretor do UrCA (Urbanismo, Crítica e Arquitetura) - um grupo de pesquisa que se dedica ao estudo de abordagens alternativas para a cidade contemporânea, com foco especial na urbanização periférica do Sul Global.

Fernando Diniz Moreira

Doutor em Arquitetura pela University of Pennsylvania (2004). É professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi professor visitante na Fu Jen Catholic University, Taiwan (2019), Universidade Técnica de Lisboa (2011) e na University of Pennsylvania (2003-2004), ICCROM Fellow (2008) e Samuel H. Kress Foundation scholar (2003-2004). Bolsista produtividade do CNPQ, coordena o projeto de pesquisa Lugar e Tectônica na Arquitetura Contemporânea com inúmeras publicações no Brasil e exterior. Sua área de interesse reside em teoria e história da arquitetura, história do urbanismo e conservação com experiência profissional em conservação urbana e arquitetônica, tendo participado das equipes dos planos diretores e planos urbanísticos.

Sérgio Moacir Marques

Doutor em Arquitetura Moderna Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor Associado da FA/UFRGS e líder do grupo de pesquisa O ENSINO E A PESQUISA DO PROJETO_A Produção da Arquitetura Moderna e Contemporânea, CNPq/PROPAR. Foi sócio do MooMAA - Moojen & Marques Arquitetos Associados (1987/2019) com projetos premiados e publicados no Brasil e exterior, atua na área de projetos de arquitetura, urbanismo e comunicação visual. Temas de interesse: Ensino do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, Arquitetura Moderna, Arquitetura Contemporânea, Arquitetura Latino-Americana.

Carlos Alberto Batista Maciel

Arquiteto, Doutor em teoria e prática de projeto, professor adjunto da Escola de Arquitetura da UFMG, sócio do escritório Arquitetos Associados. Foi diretor e coordenador geral de projetos do Departamento de Planejamento Físico e Projetos da UFMG entre 2010 e 2013. É fundador do escritório Arquitetos Associados, estúdio colaborativo com prática arquitetônica extensa e reconhecida. Estuda as inserções fortemente influenciadas pela paisagem e suas pré-existências.

Andrey Rosenthal Schlee

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999) e professor Titular da Universidade de Brasília. Foi Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do IPHAN. Dedicou-se à preservação do patrimônio cultural, arquitetura brasileira, arquitetura no Rio Grande do Sul e arquitetura e urbanismo em Brasília, como também às questões relacionadas com a melhoria do Ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Cláudio Oliveira Arantes

Arquiteto e urbanista formado na Universidade de Brasília, atua no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN) da Universidade de Brasília desde 2003.

Elcio Gomes da Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Arquiteto da MGSAR Arquitetos Associados, Analista Legislativo na função

de arquiteto da Câmara dos Deputados e Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. É autor do livro “Os palácios originais de Brasília” (2014). Está vinculado ao projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” integrante do programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Juliano Caldas de Vasconcellos

Doutorando em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Arquitetura. Integra o projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” vinculado ao programa de pós-graduação da FAU/UnB.

José Manoel Morales Sánchez

Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade de Brasília (1979), mestrado em Estruturas - COPPE/UFRJ - Programa de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Estruturas e Construção Civil pela Universidade de Brasília (2003). Foi diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Atualmente é professor associado e do docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo com atuação em temas de pesquisa e ensino de arquitetura e engenharia civil.

Cláudia Naves David Amorim

Arquiteta, Doutora em Tecnologias Energéticas e Ambientais na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, com tese desenvolvida no Politecnico di Milano (Italia) e Bavarian Centre for Applied Energy Research -ZAE Bayern - Wuerzburg (Alemanha). Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB), atual coordenadora do Laboratório de Controle Ambiental (LACAM). com ênfase em sustentabilidade e qualidade ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Iluminação natural, conforto ambiental, eficiência energética, projeto de arquitetura, reabilitação de edifícios e simulação computacional. É a atual Diretora de Pesquisa do Decanato de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília.

Caio Frederico e Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, atualmente é professor associado vinculado ao Departamento de Tecnologia da FAU-UnB desde 2011. Desenvolveu pesquisas na Universidade Nova de Lisboa (UNL, 2016) e na Universidade de Harvard sobre questões de sustentabilidade, eficiência energética e conforto térmico. É pesquisador do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS/UnB e do Laboratório de Controle Ambiental - Lacam/UnB. Hoje é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Guilherme Oliveira Sales

Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. É pós-graduando no curso Reabilita - Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística e integra o grupo de pesquisa “Simulação Computacional do Ambiente Construído” (SiCAC), ambos registrados no programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Reinaldo Guedes Machado

Professor da Universidade de Brasília, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003) sobre o barroco brasileiro com a tese intitulada “O Púlpito luso-brasileiro”. Arquiteto e Artista plástico atua nas áreas História da Arte e da Arquitetura com ênfase no Desenho e Plástica.

Frederico Flósculo Pinheiro Barreto

Arquiteto, Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), atualmente Professor do Departamento de Projeto e Expressão desde 1992. Foi vencedor do Concurso Nacional de Idéias e Estudos Preliminares de Arquitetura e Urbanismo para a Revitalização da Avenida W-3 em Brasília. Com ampla experiência profissional em arquitetura hospitalar e planejamento urbano atua especialmente nas áreas de projeto em arquitetura e urbanismo. É pesquisador do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília.

A Editora UnB é filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Minion Pro e Bebas Neue Pro.

Este livro chegou em boa hora, e tem como foco um objeto extraordinário: o Instituto Central de Ciências (ICC), edifício estruturador do campus da Universidade de Brasília (UnB), projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe. Em abril de 2022, a UnB comemorou 60 anos de existência (1962-2022). O ICC faz parte da história da universidade pública brasileira e foi resultado de uma experiência inovadora de organização universitária aliada ao processo de planejamento espacial e inovação tecnológica construtiva – a pré-fabricação de uma megaestrutura. A proposição foi elaborada por um grupo de educadores, intelectuais e profissionais – arquitetos e engenheiros, principalmente – liderados por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. No livro, o ICC é abordado por diferentes enfoques. Mas chama a atenção o subtítulo discreto de sua capa: “e outras arquiteturas”. Refere-se a uma seção de artigos dedicados a outras universidades nacionais: UFRJ, no Rio de Janeiro; UFPE, em Recife; UFRGS, em Porto Alegre; e UFMG, em Belo Horizonte. Depreende-se da leitura dessa seção fatos intrigantes, por exemplo, a interrupção e posterior abandono de duas experiências de organização institucional universitária: a do campus da UnB e da UFMG. Entretanto, os articulistas não levam em conta as forças nem os atores envolvidos na questão. Porém, a luta atávica pelo poder das corporações da universidade é inquestionável. Temos como consequência a pulverização dos edifícios no campus. O leitor e a leitora encontrarão este e outros fatos acerca do ICC e das outras arquiteturas mencionadas ao longo da obra.

Jaime Gonçalves de Almeida

EDITORA



UnB